



INTERTEXTO

Primeiro levaram os negros
Mas não me importei com isso
Eu não era negro

Em seguida levaram alguns
operários
Mas não me importei com isso
Eu também não era operário

Depois prenderam os
miseráveis
Mas não me importei com isso
Porque eu não sou miserável

Depois agarraram uns
desempregados
Mas como tenho meu emprego
Também não me importei

Agora estão me levando
Mas já é tarde.
Como eu não me importei com
ninguém
Ninguém se importa comigo.

Bertolt Brecht

Militarização das escolas: um dos mais fortes ataques à Educação Pública

O governo Bolsonaro está cumprindo fielmente várias de suas promessas eleitorais (exceto as de fim da mamata e contratação de funcionários sem viés político) e a militarização da Educação é mais uma delas.

Assim, logo no começo do seu governo, no dia 2 de janeiro de 2019, criou a Subsecretaria de Fomento às Escolas Cívico-militares e agora, na semana do 7 de setembro, emitiu o Decreto nº 10.004/2019 que institui o Programa Nacional das escolas Cívico-Militares (Pecim) que de civil nada tem.

Ao iniciarmos esse debate no SINASEFE muitos colocavam sua importância como sendo de solidariedade aos tra-

balhadores da rede estadual e municipal de educação, logo, não deveria ser prioridade, por não sermos alvo direto dessa ação.

Mas, com grande surpresa, nossos colegas do Colégio Brigadeiro Newton Braga, no Rio de Janeiro souberam, por ofício, que sua escola deixaria de pertencer à Rede Federal de Educação



e passaria a ser gerida pelo estado (RJ), no modelo cívico-militar de Bolsonaro. O projeto que inicialmente era pra ser implementado esse ano, foi adiado para o ano seguinte. Apesar do tempo ganho pelos companheiros para mobilizar e tentar impedir essa aberração, a insegurança dos profissionais sobre sua carreira, sobre seus destinos e sobre a escola em que trabalham se mantém em seu cotidiano.

O tempo que os companheiros do Colégio Newton Braga ganharam não tem sido obtido pelas escolas em que o Governo Federal já estava estimulando que a militarização ocorresse. Estados e municípios estão fechando parcerias e um projeto de educação autoritária que estava em expansão desde 2003, ganhou novas forças, novo rumo e um estímulo de 54 milhões de reais em investimento federal, e a promessa de um milhão por escola que aderir.

Com um projeto de sete páginas, cheio de ambiguidades, o governo Bolsonaro está implementando o fascismo na educação: estudantes de cabeça baixa nos corredores, cabelos raspados para meninos e preso para meninas, que antes de entrar em sala se põe em fila cantam o hino e respondem chamada para o ‘xerife’ da turma. Educadores sendo desmoralizados por militares, constrangidos em público com repetidas ‘chamadas de atenção’ e sofrendo uma série de ameaças veladas ao criticar os rumos da escola. Esse absurdo tem conquistado educadores, pais e estudantes com a promessa de melhoria na segurança e na educação: mais uma fakenews de Bolsonaro.



A questão da segurança não pode ser tratada como se a escola fosse descolada dos demais espaços da sociedade. Uma sociedade violenta, tem uma escola violenta. O governo promete resolver todos os problemas sociais militarizando e controlando todas as esferas da vida, o que também é falso, basta olhar para as diferentes intervenções militares que o Brasil sofreu e os índices de violência do país.

Voltando à questão escolar, longe de resolver o problema da violência, a militarização traz um novo tipo de violência para escolas: a violência policial.

Essa nova forma de violência que chega nas escolas com a militarização é devastadora! Vai desde a violência simbólica, do autoritarismo e do racismo no padrão estético imposto na escola até a violência física e intimidação armada que todos no ambiente escolar passam a ser submetidos.

Do ponto de vista da melhoria do desempenho escolar, o argumento também é falso. Algumas escolas já militarizadas se tornam escolas-modelo, para servir de propaganda para a militarização. Essas instituições recebem melhorias de infraestrutura, garantia de contratação de servidores a todo momento, selecionam os estudantes (e também excluem estudantes), para alcançar os melhores índices em processos seletivos e assim “comprovar” que são melhores escolas.

Por isso mesmo, o projeto pode ser mais abrangente do que as 200 escolas que Bolsonaro disse que vai criar, e que promete investir um milhão de reais em cada uma delas. Ou seja, será uma minoria de instituições, um seletivo grupo que receberá recursos em vez de ver sua verba cortada.

Logo, assim como no processo de militarização que já vinha acontecendo nos estados, o recurso não será para todas as escolas e o processo não virá acompanhado de investimento em capacitação profissional, autonomia docente, qualificação dos técnicos, investimento em pesquisa e extensão, que são fatores essenciais para melhoria da educação.

Pelo contrário, é um projeto autoritário que fecha as escolas lhes dando contorno de presídios e controle e cerceamento que tiram os avanços educacionais. A maioria dessas escolas, portanto, é ainda mais precarizada. Isso revela o projeto econômico que está vinculado a expansão da militarização: o de disseminação da precariedade. Após a

implementação da reforma trabalhista, o número de empregos precários aumentou e a tendência é que esse processo de “uberização” do trabalho se expanda a todas as áreas.

A escola militarizada prepara uma força de trabalho adequada a essa nova realidade. Está formando trabalhadores submissos, que aceitam as piores condições sem questionar, que respeitam a autoridade pela sua posição. É nova escola para os novos tempos, que se adequa econômica e politicamente para a reestruturação que estamos vivendo.

É preciso e necessário resistir a mais esse ataque: a militarização pode ser implementada na Rede Federal de Educação por meio do Future-se com organizações sociais (OS) ligadas às milícias ou que façam parcerias com entidades militares. Pode vir por outras vias, como pela estadualização, ou ter escolas com controle e lógica militarizadas,

com controle extremo sob a justificativa de promoção de segurança.

Não vai chegar de mansinho, a militarização já está acontecendo! Já é um problema nosso e com muita luta, envolvendo e ganhando a comunidade escolar contra esse projeto, podemos derrotá-lo.



Um governo que cultua a morte!

Bolsonaro não só apoia a matança provocada pelas armas do Estado, como tem vínculo com a milícia e homenageia genocidas de ditaduras militares.



De janeiro a agosto de 2019 mais de 1.600 pessoas foram assassinadas no Rio de Janeiro; foram vítimas, na maioria das vezes, das balas do Estado, que de perdidas nada têm.

Adolescentes que iam para o treino de futebol foram assassinados, trabalhador que erguia uma laje foi assassinado, mecânico que buscava a família para comemorar o aniversário da sobrinha foi assassinado, uma jovem mãe foi assassinada carregando seu bebê no colo. Todas vítimas da política do governo Bolsonaro, que tem no Rio de Janeiro um governador que bebe da mesma fonte que ele: exterminar vidas, como se fossem refugo a serem jogados nas covas rasas, como lixo.

O discurso de ódio e preconceito de Bolsonaro espalha violência e morte, além dos que portam as armas do Estado: vigilantes que, mais do que emprego, procuram

estar a serviço da repressão defendida pelos patrões e pelo governo, matam e torturam também em supermercados. No início do ano, um jovem negro foi assassinado por um vigilante num supermercado no Rio de Janeiro; em agosto, um jovem foi chicoteado por seguranças de um supermercado em São Paulo.

Bolsonaro responde à violência e à matança contra jovens e trabalhadores defendendo ditaduras genocidas: a resposta de Bolsonaro para a matança é apoiar a matança, proteger os policiais que invadem as comunidades, estimular a violência contra os pobres e mais, defender ditadores genocidas, como Augusto Pinochet, que mandou matar milhares de pessoas no Chile enquanto perdurou por mais de duas décadas sua ditadura.

Foi dessa forma que Bolsonaro tentou fugir de responder o aumento dos assassinatos provocados pelas armas do Estado no Brasil contra os pobres, indígenas, militantes em defesa dos Direitos Humanos; atacou aqueles que foram vítimas da ditadura de Pinochet no Chile que, além de matar o pai da ex-presidente do Chile, Michelle Bachelet, matou milhares de trabalhadores que lutavam além de liberdade, por melhores condições de vida e trabalho.

Mais do que repudiar as declarações de Bolsonaro, é preciso combater esse governo que quer exterminar os direitos e a vida da classe trabalhadora.

16 CRIANÇAS BALEADAS EM 2019

- 1) 04/01 - NÃO IDENTIFICADA, 10 ANOS - BALEADA NO GALO BRANCO, EM SÃO GONÇALO
- 2) 04/01 - NÃO IDENTIFICADA, 11 ANOS - BALEADA EM AMPLIAÇÃO, ITABORAI
- 3) 14/02 - JENIFER SILENE GOMES, 11 ANOS - MORTA POR BALA PERDIDA NO JACAREZINHO, ZONA NORTE DO RIO.
- 4) 06/04 - BEBÊ BALEADO NA BARRIGA DA MÃE (8 MESES) - NA FAVELA TERRA NOSTRA, EM COSTA BARROS
- 5) 08/04 - BEBÊ MORTO NA BARRIGA DA MÃE (8 MESES) - EM PADRE MIGUEL, NA ZONA OESTE DO RIO
- 6) 11/04 - NÃO IDENTIFICADA, 3 ANOS - BALEADA EM MAGÉ, NA BAIXADA FLUMINENSE
- 7) 20/04 - NÃO IDENTIFICADA, 11 ANOS - BALEADA NO JARDIM CATARINA, EM SÃO GONÇALO
- 8) 06/05 - 1 CRIANÇA (IDADE NÃO IDENTIFICADA) - BALEADA NO CONJUNTO ESPERANÇA, NO COMPLEXO DA MARÉ
- 9) 10/05 - KAUÁ VÍTOR NUNES ROZÁRIO, 11 ANOS - MORTO POR BALA PERDIDA EM BANGU, NA ZONA OESTE DO RIO
- 10) 18/06 - LETÍCIA TAMIREZ GAZOL FERREIRA, 9 ANOS - ATINGIDA POR BALA PERDIDA NA FAVELA BEIRA MAR, EM DUQUE DE CAXIAS
- 11) 01/07 - NÃO IDENTIFICADA, 6 ANOS - ATINGIDA POR BALA PERDIDA NO COMPLEXO DO CHAPADÃO, NA ZONA NORTE DO RIO
- 12) 23/07 - VICTOR ALMEIDA, 7 ANOS - MORTO COM TIRO NA CABEÇA EM MARECHAL HERMES, NA ZONA NORTE DO RIO
- 13) 13/08 - NÃO IDENTIFICADO, 2 ANOS - ATINGIDO POR BALA PERDIDA NA FAVELA DA 48, EM BANGU
- 14) 29/08 - LAUANE CRISTINA MACHADO BATISTA, 7 ANOS - FERIDA POR BALA PERDIDA NA VILA CRUZEIRO, NO COMPLEXO DA PENHA
- 15) 15/09 - NÃO IDENTIFICADO, 8 ANOS - ATINGIDO POR BALA PERDIDA EM ITAIPUAÇU, MARICÁ
- 16) 20/09 - ÁGATHA FÉLIX, 8 ANOS - MORTA POR BALA PERDIDA NA BIROSCA, NO COMPLEXO DO ALEMÃO

FOCOCRUZADO

Expediente

Esta é uma publicação do SINASEFE. É autorizada a reprodução total ou parcial do conteúdo, desde que citada a fonte.

Textos sob responsabilidade de Camila Marques (Coordenação Geral) e Celso Ferst (seção sindical IFMT)

Diretores de Comunicação: Lucrécia Iacovino e Michel Torres

Design Gráfico: Flávia Destri Garcia

Contatos: dn@sinasefe.org.br e imprensa@sinasefe.org.br

Acesse nosso site: www.sinasefe.org.br

Fale com o Sinasefe

Fone:

(61)

21924050

Filiado à

